



## Radiomania<sup>1</sup>

### Transformações e inovações na década de trinta

Tereza Cristina Tesser<sup>2</sup>

Universidade Católica de Santos

**Resumo:** A década de 30 foi um marco para o Rádio no País. Muitos começaram a se interessar e valorizar esse novo veículo. As emissoras começaram a ficar mais profissionais e criar uma linguagem própria, com uma programação mais trabalhada. Com a publicidade permitida a produção começou a ter verbas para contratações de grandes artistas e garantir a audiência. O Rádio não vive mais da improvisação. O Governo percebe sua importância e resolve usá-lo.

**Palavras-Chave:** Rádio; História; Publicidade

“Depois do jantar, sentados em boas poltronas, diante da radiola, os maridos descobrem que se pode viajar muito, viajando ao redor da própria sala. Quem sabe se depois da radiomania a média da felicidade conjugal não aumentou?... Tem a palavra a madame... Rádio misterioso... Hoje a ciência permite a côro de um de nós afirmar: o ar está cheio de idéias. De idéias e de sentimentos. Aqui neste salão aconchegante e florido, docemente perfumado, em que a leitora pouso o olhar em Única, existem no ar canções e poesias. Há vozes alegres e tristes, cantando ou falando em vários idiomas, lições de mestres ou ‘loquela de palradores’ violinos a gemer e até mesmo tambores a rufar. Pensa a leitora que está sozinha? Engano. O mundo, minha boa amiga, está falando, cantando ou gritando, aí mesmo no seu *boudoir*. E não são vozes de espírito, que só os iniciados conseguem ouvir, são vozes humanas, dos vivos, que estando a milhares de quilômetros do seu salão, entram na sua casa misteriosamente, sem que a minha bôa amiga possa impedir essa invasão conseguida nas asas do “Rádio”! A qualquer hora do dia ou da noite é sempre possível em qualquer lugar armar um receptor – ‘um verdadeiro ouvido artificial’ – para escutar as amáveis intrusas, ‘as vozes da terra’... Na estação transmissora da Rádio Telefônica, seja a da nossa querida e patriótica ‘Rádio Sociedade’, a corrente microphonica, modificada pelo som vae agir sobre as ondas que o transmissor espalhar no ar, e essas ondas variam na sua amplitude, de acordo com a corrente microphonica. Eis como o som ‘vira’ ondas hertzianas que se espalham pelo mundo. Imaginemos uma corda presa por uma das pontas a um muro, pela outra ponta segura na mão de alguém que se faça oscilar. A corda (que comparação grosseira) é o ether. A distância entre os cristais das ondas é o que se chama de “comprimento da onda”. A mão que a agita é o transmissor. Se alguém munido de um bastão enquanto oscilar de vez em quando dá-lhe uma pancada mais ou menos forte, as oscilações serão alteradas pelo bastão: o bastão é o microphone. Eis aí, o mystério da transmissão meio desvendado.” (Revista Única, abril de 1926)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora de Jornalismo.

Este texto foi escrito por Maria Elisa dos Santos Reis, na revista Única, em abril de 1926. Uma forma encontrada para explicar, para as mulheres, como funcionava a transmissão radiofônica, ainda uma novidade para a época.

A década de 30 foi um marco para o Rádio no País. Muitos começaram a se interessar e valorizar esse novo veículo. A situação política no Brasil não era das mais animadoras, muita gente estava descontente com Getúlio Vargas, que chegou ao poder com a Revolução de 30. A produção do programa comemorativo da BBC, sobre o Rádio no Brasil, denomina essa década como a “Formação de Quadros”.<sup>3</sup>

Em São Paulo, em 11 de junho de 1931, a Record inicia suas atividades. Paulo Machado de Carvalho conheceu Alvaro Liberato de Macedo, proprietário da Casa de Discos Record, e, também, de uma emissora montada, mas não funcionando. Alvaro ofereceu a Record para Paulo Machado. Ele não sabia ao certo o que era e foi conhecer, ficava na Praça da República 17. “Era uma sala cheia de cadeiras, um microfone, uma porção de fios e um piano”<sup>4</sup>.

No livro Cronologia do Rádio Paulistano é explicado que a data de 11 de junho de 1931 se refere à segunda fase da emissora adquirida por Paulo Machado de Carvalho. Ela foi, primeiramente, fundada em 2 de abril de 1928 pelo já citado advogado Alvaro Liberato de Macedo. Já, em 23 de outubro do mesmo ano, às 20h30, a Record é inaugurada com um programa variado de música e canto, com o Quarteto Paulista. E depois seguia uma programação baseada em audições de discos.

Porém, em 1º de julho de 1931, a Record inicia um novo tipo de programação, variando as apresentações com o “quarto de hora”, novidade em São Paulo. Consistia em mudar de gênero, entremeando música clássica, regional, informações e humor a cada quinze minutos. E em 13 de novembro iniciava, também, com o “Record nos Esportes”, com a colaboração do jornal A Gazeta Esportiva.

Nessa época, o Governo Federal percebeu a grande importância política do Rádio e procurou dominá-lo com o Decreto nº. 20.047, de 27 de maio de 1931. Esse decreto definia três coisas. Criava, primeiramente, uma Comissão Técnica de Rádio. Depois, previa a formação de uma rede nacional com a orientação do Ministério da Educação e, por fim, reservava ao Governo Federal o direito exclusivo de conceder

---

<sup>3</sup> Rádio no Brasil. Série comemorativa do Serviço Brasileiro da BBC. Um conjunto de cinco discos que conta a história do Rádio no Brasil, 1990.

<sup>4</sup> Idem 3 – Depoimento de Paulo Machado de Carvalho.



canais de Rádio a particulares, a título precário, isto é, com a possibilidade de tomá-los de volta. É o que consta na Coleção 100 Anos de República.

A publicidade foi permitida por meio do Decreto nº. 21.111, de 1º de março de 1932, que regulamentou o Decreto nº. 20.047. Autorizava a veiculação da propaganda, inicialmente, limitando sua manifestação a 10% da programação, posteriormente elevada a 20%. Para professora Gisela Ortriwano esse fato mudou imediatamente o Rádio. “O que era erudito, educativo, cultural, passa a transformar-se em popular, voltado ao lazer e à diversão.” O comércio e a indústria forçam uma mudança na linha de programação, e os “reclames” passam a fazer parte das execuções de músicas, horários humorísticos, enfim, dos diversos quadros das emissoras.<sup>5</sup>

Para atender esse novo papel, o Rádio não podia viver apenas de improvisação. Era necessário mudar, para encarar essa nova situação. O Rádio passa a atuar como empresa, investe e começa contratar artistas e produtores. Tudo passa a ser preparado com antecedência e surge a preocupação para se conseguir cada vez mais audiência, popularizando-se, criando, assim, os primeiros ídolos.

Com a publicidade permitida, anunciantes como a Gessy Lever e o Laboratório Sidney Ross foram os pioneiros em aferir a audiência e investir no Rádio. Artistas como Noel Rosa, Lamartine Babo e Silvio Caldas esmeravam-se em compor jingles para marcas de cigarros e cervejas. Porém, os anúncios não podiam ultrapassar 10% da programação, limite depois estendido para 20%. Em matéria no jornal Folha de S. Paulo, o publicitário Rodolfo Lima Martensen registra que “a Lever possuía um setor completo de pesquisa de mercado e medição de audiência dos níveis radiofônicos”.<sup>6</sup>

Em 9 de julho de 1932, irrompeu a Revolução Constitucionalista, e São Paulo se levantou contra Getúlio Vargas. Para dar ânimo aos soldados paulistanos, a Record começa a transmitir discursos contra Getúlio, lidos pelos locutores Nicolau Tuma, Renato Macedo e César Ladeira. Esse último fez do microfone um eloqüente instrumento de mobilização popular.

“1932 marcou uma etapa de civismo impressionante no povo paulista, de armas na mão, exigindo apenas o respeito à lei. Nove de julho ficará para a posteridade, como afirmação máscula da gente do planalto, lutando somente por um ideal, por aquilo que não tínhamos uma Constituição.” (Trecho de um

---

<sup>5</sup> ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo. Summus, 1985.

<sup>6</sup> Jornal Folha de São Paulo. Ilustrada, 15 de dezembro de 1993.



discurso de César Ladeira, que ficou conhecido como a Voz da Revolução, e a Record como a Voz de São Paulo.<sup>7</sup>

Com o slogan “São Paulo vencerá porque com ele vencerá o Brasil”, a Record tocava constantemente o ‘passo doble’ Paris Velfort, *“la musique des gardes de la paix et de la ville de Paris”*, que se torna o hino do Movimento Constitucionalista. A partir de 10 de julho, a emissora passa a transmitir três boletins diários e à noite acontecem os discursos de autoridades, e das 2 às 4 horas da manhã, boletins retrospectivos. A emissora distribuía textos mimeografados com o título “Irradiação de Ontem da Rádio Sociedade Record”, com resumos das notícias divulgadas, em troca de cigarros para a Campanha do Cigarro do Soldado.

Uma programação muito utilizada no início da década de 30 era o “Quarto de Hora”, em que se estabelecia um tempo exato para atuação de um determinado artista ao microfone. Didi Vasconcelos declarou a Revista Carioca que trouxe a novidade de São Paulo, e foi o primeiro diretor a lançá-la na Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro, com sucesso. Quando passou para a Tupi, continuou adotando esse sistema.

Martinez Grau, diretor da PRD-2, em 1936, também utilizava esse recurso acreditando que era muito bom; “o artista chega, canta o seu número durante o tempo fixado, depois pode retirar-se sem grandes transtornos”.

Nessa mesma reportagem Oduvaldo Cozzi, que foi diretor da Transmissora, se dizia um entusiasta desse tipo de programação e considerava de absoluta necessidade para o perfeito andamento e êxito dos programas.

Às vezes, César Ladeira utilizava o sistema de “Quarto de Hora” e até 30 minutos, nos programas que dirigia, dependendo do público e do artista. “Nem todo artista reúne quantidade suficiente de ouvintes para agüentar todo o programa sem virar o dial.” Mas, mesmo assim, apresentava na PRA-9 programas divididos em “meia-hora” a cargo de Francisco Alves e Silvio Caldas.<sup>8</sup>

Com a publicidade regulamentada, já era permitida a contratação de vários artistas, que antes apareciam aos microfones apenas para divulgar seus trabalhos. Surgiram então os programas de variedades.

Para Paulo Tapajós, o primeiro programa especificamente comercial foi o “Esplêndido Programa” de Valdo Abreu, na Mayrink Veiga. Era um tipo de programa

---

<sup>7</sup> Rádio no Brasil. Direção Geral de Ari Viseu. Fita de vídeo contando a História do Rádio e da TV. Realização Tele-Tape TVE, Rio de Janeiro, Artplan Publicidade, Apoio Cultural Banco do Brasil, 1992.

<sup>8</sup> Revista Carioca, n.º. 36, 27 de junho de 1936.



semelhante ao do Silvio Santos, que começava de manhã e terminava à noite. Valdo improvisava anúncios com arte e graça, era gostoso ouvi-lo. Se apresentavam ali Ari Barroso, Carmem Miranda, Gastão Formenti, Chico Alves. E quem desbancou o Valdo Abreu, foi Programa Casé.

Apareceu no Rio de Janeiro, em 1931, a Rádio Phillips, com a intenção principal de promover seus aparelhos. E Adhemar Casé começou a imaginar um programa diferente, sem os grandes intervalos e “chiados” que aconteciam entre um quadro e outro. “Eu tive a idéia de fazer um programa popular das 20 às 22 horas e um erudito até a meia noite. O último não agradou muito e então optei apenas pelo popular.”<sup>9</sup>

Na Rádio Phillips, o Programa Casé era tão famoso que na composição “As Cinco Estações”, de Lamartine Babo, ele descrevia as cinco emissoras cariocas e na hora de falar da Phillips, citava o nome do apresentador. E ficou assim o tema: “Eu sou a Phillips do samba e da fuzarca / Anuncio qualquer marca / De bombom ou de café / Chegada a hora do apito da sereia / Grita logo dona Irene / - Liga o rádio, vem cá... Zé! / Transmite PRAX .... X .... X ... X”

O programa Casé entrou no ar pela primeira vez, no dia 14 de fevereiro de 1932, num domingo depois do Carnaval. Em abril, Almirante foi contratado e fazia parte também do cast Noel Rosa, Marília Batista, Carmem Miranda, Haroldo Barbosa, entre outros. Entre os redatores estavam Luiz Peixoto, Antonio Nassara, Orestes Barbosa, Paulo Roberto e Henrique Pongetti. O jornalista Sérgio Cabral explica que havia nesse programa quadros interessantes, entre eles, um concurso de palavras cruzadas criado por Almirante. Ele fornecia as questões, e os ouvintes davam respostas nos mapas publicados na Revista O Malho ou num dos 20 mil mapas distribuídos em casas comerciais.

Um outro quadro de muito sucesso foi criado através dos versos improvisados por Marília Batista e Noel Rosa em cima do samba “De Babado”. O que serviu de comercial para a loja “O Dragão”. “No dia em que fores minha / Juro por Deus, Coração / Te daria uma cozinha / Que eu vi ali no Dragão... Morros do Pinto e Favela / São musas do violão / Louça cristal e panela / Só se compra no Dragão.”<sup>10</sup>

E também foi Adhemar Casé quem apresentou o primeiro anúncio cantado. Ele pediu para o jovem Antonio Nassara que fizesse um jingle para uma padaria chamada

---

<sup>9</sup> Idem 3 – Depoimento de Adhemar Case.

<sup>10</sup> CABRAL, Sérgio. No Tempo de Almirante: uma história do Rádio e da M.P.B., Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1990



Pão de Bragança. E teve musicado os seguintes versos. “Oh padeiro dessa rua / tenha firme na lembrança / não me traga outro pão / que não seja o Pão Bragança” (estribilho). Depois seguiam outros versos: “Pão inimigo da fome / fome inimiga do pão / enquanto os dois não se matam / a gente fica na mão”. A música era enorme e a novidade agradou tanto que o dono da padaria nem discutiu e fechou contrato na hora.

A título de curiosidade, cabe ressaltar que o pioneiro de comerciais para o Rádio e Televisão, José Scatena, tem uma outra opinião a respeito do jingle.

“Segundo a minha versão, o jingle começou com Gilberto Martins e o Maestro Geraldo Mendonça, na Record. A data é por volta de 1936. Mas, eu ouvi um disco na Casa Edison, Rio de Janeiro, onde no final da música aparecia uma mensagem gravada de um produto. Não me lembro qual o produto, mas a data é em torno de 1928. Acho que em 1936, na Record, nos programas da Gessy começaram com os dois citados as primeiras manifestações jinglísticas. O que havia antes não tinha essa característica, era musiquinha.” (Revista Propaganda, ano 17, nº 206, setembro de 1973)

O Programa Casé lançava artistas que se tornariam famosos. Além de oferecer ótimos contratos de exclusividade, foi ele quem primeiro valorizou o artista brasileiro, pagava bons cachês e conseguia com isso enorme audiência e um interesse dos anunciantes. Renato Murce explica em seu livro Bastidores do Rádio que o programa tinha muita audiência e “felizmente nossas irradiações eram em dias e horários diferentes”.<sup>11</sup>

O escritor e jornalista Sangirard Junior acredita que o Rádio no Brasil pode ser dividido em duas fases: antes e depois de Adhemar Casé.

“Todos os que participaram de nosso broadcasting sempre afirmaram que Adhemar não era só um amigo, era como um verdadeiro pai. Perdoava o relaxamento de alguns, as safadezas de muitos, as loucuras de Noel. Esse lado humano, conquistando a estima dos colaboradores foi sem dúvida mais um fator de êxito do Programa Casé. Iniciando na Phillips e terminando na Tupi, (após 8 anos de Mayrink Veiga, de onde saiu por causa do futebol). O Programa Casé esteve no ar de 1932 a 1951, 19 anos ininterruptos.” (Jornal D.O.Leitura, 10 de abril de 1992, página 5, texto de Sangirard Jr.

---

<sup>11</sup> MURCE, Renato. Bastidores do Rádio. Fragmentos do Rádio Ontem e Hoje. Rio de Janeiro, Imago, 1976.



Sangirard, diz, ainda, que Orlando Silva, por exemplo, sempre declarou que o seu nome e sua carreira começaram nesse programa. Ele lamenta que inúmeros outros artistas, que se fizeram nesse programa jamais, tivessem manifestado esse reconhecimento.

Da Phillips, Casé foi para a Rádio Sociedade, depois para a Transmissora, teve uma breve passagem pela Cajuti, transferindo-se para a Mayrink Veiga, onde permaneceu por sete anos. Sérgio Cabral explica que infelizmente os arquivos do Programa Casé desapareceram. Todo o material estava numa casa, alugada para um colégio em Copacabana e o proprietário pedia sempre para que a papelada fosse retirada de lá. Adhemar pensou em transferir tudo para o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, mas ninguém tomava uma decisão. Um dia sabe ele pegou tudo aquilo e vendeu como papel velho.

Outro nome de destaque na história do Rádio foi Renato Murce. Este organizou primeiramente um programa chamado “Rádio Miscelânea”, em parceria com Raul Bruce, com duração de 30 minutos; havia músicas, esquetes, poesias, piadas e sátiras alcançando ótima receptividade. Depois, organizou na Phillips o programa “Horas do Outro Mundo”. Marcou época e alcançou êxito mais do que surpreendente. Tanto que o projeto era para ser irradiado durante uma hora, às quartas-feiras e foi ampliado para três vezes por semana no mesmo horário, das 21 às 22 horas. A idéia do título do programa surgiu, porque Renato Murce imaginou que as irradiações aconteciam supostamente no planeta Saturno diretamente para todo o Universo.

Em São Paulo, a Record foi a pioneira em múltiplos sentidos. Entre os locutores de destaque estava César Ladeira. Em 1932, ele rompe com a solenidade do “speaker” e torna-se reconhecido em São Paulo como “o amigo de toda gente”. Produziu e criou vários programas. Entre eles, a “Hora X”, em conjunto com Marcelino de Carvalho, o primeiro programa de variedades do Rádio paulista, combinando vários estilos e gêneros de músicas com curiosidades, esquetes, humorismo e concursos.

Em agosto de 1933 a imprensa noticia a ida de César Ladeira para o Rádio Carioca. “Dono de uma voz que o consagrou como o locutor brasileiro de todos os tempos, revelou também ser um excelente diretor artístico, conduzindo a Mayrink Veiga a uma posição de liderança absoluta”, é o que conta Sérgio Cabral. Ele explica, também, que a emissora só perderia o primeiro lugar na passagem dos anos trinta para a década



de 40, quando a Nacional passou a ocupar a posição que manteve nos 25 anos seguintes.<sup>12</sup>

César Ladeira conquistou o Rio de Janeiro. Apresentava os artistas efetivos de sua estação de uma maneira especial e diferente. Francisco Alves, o Rei da Voz; Carmem Miranda, a Garota Notável; e Odete Amaral, como A Voz Tropical.

São Paulo assistia, em 1934, a um grande crescimento de prefixos; nada menos que cinco emissoras iniciavam suas transmissões. No final do ano, somavam oito estações atuando na Cidade. Isso sem contar com a Rádio Tupi, fundada em maio, mas somente inaugurada em 1937.

A Rádio Cosmos, por exemplo, oferecia “Chá Dançante”. Além do estúdio, tinha um salão para danças, no palco uma orquestra, um bar, e para os garçons servirem as mesas bastava o cliente apertar um botão e o número da mesa permanecia aceso. Já a Cultura mantinha um porteiro vestido a rigor, e vários “boys” fardados para indicar o caminho.

No Rio de Janeiro, várias emissoras se destacavam. Em junho de 1935 foi inaugurada a Rádio Ipanema - PRH-8. “A nova estação vem enriquecer a formação dos *broadcastings* nacionais... marcará sem dúvida, o maior êxito artístico, educativo e social da metrópole”; desta forma a Revista Fon Fon noticiava a chegada da Ipanema<sup>13</sup>.

Em 1º de janeiro de 1936, ia ao ar a Rádio Transmissora do Rio de Janeiro. Renato Murce conta que a emissora “surgiu como uma ‘bomba’, apresentou o programa inaugural com um elenco artístico tão grande e tão bom, que a gente chegava a duvidar”. Uma estação que reuniu uma orquestra comandada por Romeu Cipshmann e tinha um elenco com grandes nomes, entre eles, Célio Nogueira, Radamés Gnattali, Orlando Silva, Silvinha Melo e Nelson Gonçalves. Depois de alguns meses Murce foi convidado para assumir a sua direção artística. E lá nasceram vários programas diferentes, como “Antigamente”, “Hora Sertaneja” e “Cenas Escolares”.<sup>14</sup>

Outras emissoras também brilhavam no Rio de Janeiro; a Educadora do Brasil tinha Saint-Clair Lopes na direção, apresentava, entre outros, Carmem Miranda no início da carreira. A Cruzeiro do Sul conquistou a simpatia popular com a “Hora da Broadway”. E ainda a Tupi, a Guanabara e a Cajuti. Já, a Jornal do Brasil, que surgiu em 1935, adotava uma programação diferente visando às classes mais cultas e refinadas.

---

<sup>12</sup> Idem 10.

<sup>13</sup> Revista Fon Fon - nº 21 - 25 de maio de 1935

<sup>14</sup> Idem 11





Desde a locução às músicas irradiadas, a linha adotada era a de austeridade, procurando superar o modelo comercial de outras emissoras.

**Uma realidade presente** - Após a metade da década de trinta, até meados da década de quarenta, o Rádio começou a viver seu período de consolidação. Aumentou significativamente o número de emissoras, programas atraentes, anunciantes que investiam e o número de ouvintes cresciam cada vez mais.

Nesse período de efervescência do Rádio, era inaugurada no dia 12 de setembro de 1936, a Nacional, emissora que seria chamada de “a maior lenda do Rádio brasileiro”. A Revista Carioca dá grande destaque ao evento.

“A data de hoje se destina a marcar uma etapa nova da evolução da radiofonia no Brasil... a grande e potente emissora que o Brasil inteiro esperava. Os rádio-ouvintes estão hoje de parabéns, por esse festivo acontecimento, pois a Rádio Nacional com seus vinte e dois kilowatts, será ouvida nitidamente por todo o país, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, abrangendo, num grande elo sonoro, numa cadeia de vibrações educativas e culturais, de vez que é a maior realização particular, já tentada no país para fazer do broadcasting um instrumento poderosíssimo de difusão, da arte musical, da informação e debates proveitosos.” (Revista Carioca, nº. 47, 12 de setembro de 1936)

“Alô Brasil esta é a PRE-8 - Rádio Nacional do Rio de Janeiro”, o locutor da estréia foi Celso Guimarães. O transmissor era da Rádio Phillips, que encerrava suas atividades. E é Paulo Tapajós que explica esse início. “A Nacional nasceu como filha do jornal A Noite, pertencia a uma empresa que tinha outros títulos, como a Noite Ilustrada, as Revistas Carioca e Vamos Ler”. E o Rádio já tinha demonstrado que uma empresa jornalística não sobreviveria se não tivesse a força amparando. No início, começou como todas as outras estações, com uma programação baseada na estrela, no artista e viveu muito do quarto de hora, que era feito por um artista da época, que cantava 15 minutos e ia embora.<sup>15</sup>

O Rádio já fazia parte da vida das pessoas. A Revista Carioca (nº. 41, 1º de agosto de 1936) apresentava, em 1936, as definições da leitora Maria Alves sobre as emissoras cariocas.

- Cajuti – Um coquetel para todos os paladares;
- Cruzeiro do Sul – Mocinho futurista que dá a volta ao mundo;
- Educadora – Uma moça romântica que só vive de ais e de saudade;

---

<sup>15</sup> Idem 2 – Depoimento de Paulo Tapajós



- Fluminense – Um bebê engatinhando;
- Guanabara – Uma menina com pose de moça;
- Ipanema – A moreninha da praia;
- Jornal do Brasil – A melindrosa da praia que não dá confiança aos vizinhos;
- Mayrink Veiga – A pequena que se orgulha de colocar um vestido novo diariamente;
- Clube – Rapaz que penetra, que aparece em todos os lugares;
- Sociedade – A filha mais velha da família radiofônica que ficou para tia;
- Transmissora – Mocinha moderna com vocação aos tempos dos nossos avós;
- Tupi – Um senhor austero que não admite ordens;
- Phillips – Uma senhora religiosa que tenta catequizar o “broadcasting” nacional.

No final da década de trinta e início de quarenta, o Rádio começa, de fato, a definir seu rumo. Para se entender melhor a profundidade das mudanças ocorridas, Luiz Carlos Saroldi explica que, com a chegada da Nacional, se pode determinar melhor os anos mais importantes do Rádio. Duas datas e dois programas podem ser citados para definir esse período de consolidação do Rádio.<sup>16</sup>

Em 1938, Almirante chega à PRE-8 e à estréia de “Curiosidades Musicais”, o primeiro programa montado do nosso Rádio. Havia um narrador, interferiam comediantes e a participação de músicos e cantores. Com a chegada de Almirante se completa uma espécie de tripé criativo, com Radamés Gnattali (maestro) e José Mauro (diretor artístico e produtor). Depois, se juntaram a esses três, Haroldo Barbosa e Paulo Tapajós. Daí em diante, esse quinteto, juntos ou separados, estariam à frente dos grandes lançamentos da Nacional. Como “Instantâneos Sonoros do Brasil”, “Vida Musical e Pitoresca dos Compositores”, de Lamartine Babo. “Rádio Almanaque Kollynos” (José Mauro e Haroldo Barbosa), que culminou com o lançamento de um grande musical: “Um Milhão de Melodias”. Entre “Curiosidades Musicais” e “Um Milhão de Melodias” poderiam ser localizados os cinco anos de consolidação do Rádio Brasileiro.

Um locutor de grande sucesso no Rádio Carioca foi Luiz Vassalo. Estreou com o “Programa Suburbano”, em agosto de 1934, na Rádio Guanabara. Em entrevista à

---

<sup>16</sup> Idem 3 – depoimento de Luiz Carlos Saroldi



Revista Carioca (nº37, 4 de julho de 1936) explicou que a finalidade de todo o programa é agradar o ouvinte “e com este intuito não tenho poupado esforços”.

Antes de se dedicar a esta carreira, o locutor foi gerente de uma empresa cinematográfica. E, nessa época, observava o descaso com que era tratado o subúrbio pelas emissoras. Lembrou, então, de organizar um programa radiofônico em prol da divulgação comercial dos subúrbios, lançou a idéia na Guanabara... e logo 40 casas do comércio do Meyer forneceram anúncios e ele teve em pouco tempo a agradável verificação do pleno êxito da iniciativa.<sup>17</sup>

E a Revista Carioca destacava, ainda, que esse progresso se devia também à influência da voz e expressão de César Ladeira, o primeiro speaker a fazer valer pelo Rádio as sugestões decisivas da publicidade. Além dele, as emissoras contavam também, em 1936, com elementos de grande valor, entre eles, Carlos Frias, Oduvaldo Cozzi, Cristovão Alencar e Saint-Clair Lopes, sendo que este último atuava no programa Luiz Vassallo.

São Paulo e Rio de Janeiro eram os principais pólos de difusão de cultura do Brasil. As duas cidades tinham diferenças de estilo de programação. O pesquisador Valvêncio Martins explica que um dos fatores que diferenciavam era a população. No Rio de Janeiro, por ser uma cidade praiana, a rotina de vida era mais calma e mais tranqüila. Já São Paulo tinha como característica uma terra de imigrantes, havia nordestino, italiano, português, uma série de pessoas diferentes que formavam a cidade. A programação do Rio de Janeiro era dedicada ao carioca nato. E uma outra coisa que acontecia é que por causa da Serra, a Nacional não era bem ouvida em São Paulo, e isso serviu para que esta cidade, de uma certa forma, ficasse livre dessa influência carioca, e a diferença de programação era clara.<sup>18</sup>

Sobre a comparação entre as Rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo, Odmir Amaral Gurgel, o Gaó, falou à Revista Carioca.

“Acho os programas de São Paulo mais variados. As estações procuram sempre novidades: ou companhia de esquetes ou artistas novos. É possível que isto seja devido ao desinteresse do público que não é entusiasta como o carioca. É necessário, talvez, variar muito para chamar a atenção do ouvinte paulista.”<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Revista Carioca, nº. 37, 4 de julho de 1936

<sup>18</sup> Idem 3 – Depoimento de Valvêncio Martins

<sup>19</sup> Revista Carioca – nº. 23, 28 de março de 1936

Outro fator que agradava a Gaó era a estreita relação que existia entre a publicidade e a parte artística, diferente do Rio de Janeiro. Porém, existia a vantagem da superioridade dos artistas nas emissoras cariocas, suficientes para garantir o êxito de uma irradiação.

Gaó participou do início da Educadora de São Paulo, depois se afastou para gravar um disco. Mais tarde foi para a Cruzeiro do Sul, onde assumiu a direção artística da estação. E, quando esta última juntou-se à Cosmos, Gaó atuou nas duas exercendo o mesmo cargo. Depois foi para o Rio de Janeiro, incorporando-se ao elenco da Rádio Ipanema.

**Hora do Brasil** -O Rádio, no final da década de 30, se apresentava como definitivo na vida brasileira. Não vive mais da improvisação, o Governo percebe sua importância e resolve usá-lo. Mario Fanucchi explica que, em 1939, um decreto de Getúlio Vargas criava o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda (Decreto nº 1.915, 27/12/1939) “cópia de um órgão idealizado por Goebbels para Hitler, que se instalou, ironicamente, na sede da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, então vazia de deputados”.<sup>20</sup>

As funções do DIP eram: exercer censura à imprensa, ao Rádio, teatro e cinema; promover festas populares, devidamente policiadas quanto à ideologia; difundir a cultura; fazer propaganda turística baseada na filosofia do Estado Novo e introduzir um programa oficial que deveria ser transmitido simultaneamente por todas as estações de Rádio.

E Fanucchi conta como surgiu a Hora do Brasil. Às 20 horas, horário nobre do Rádio, era apresentado o programa governamental.

“Todas as emissoras grandes e pequenas, clavam suas vozes individuais e passavam a atuar como simples repetidoras”. O hiato criado pelo programa oficial com seus componentes indigestos – um desfile de comunicados, decretos, avisos e discursos laudatórios, entremeados com uma ou outra música a pretexto de amenizar o pacote – induzia os ouvintes a desligarem o Rádio num gesto reflexo.”(FANUCCHI, Mario. Apostila do curso “O Rádio e a TV no Anos 50: Transição”)

E o programa “A Hora do Brasil” resistiu ao tempo, à mudança de Governo e de regime e permanece no ar até hoje. Mudou o horário, passou para as 19 horas com o

---

<sup>20</sup> FANUCCHI, Mario. Apostila do curso “O Rádio e a TV no Anos 50: Transição”, realizado na ECA, USP, 1º semestre de 1990



nome “A Voz do Brasil”. E, Mario Fanucchi faz uma reflexão sobre a ineficiência do programa. Ele acontece num horário em que as pessoas estão voltando para casa em seus carros, todas ficam sem informações sobre o trânsito, balanço dos últimos acontecimentos.

“O anacronismo desse programa que resiste por meio século recomenda, no atual quadro político, que sua retransmissão não seja mais obrigatória. As emissoras, em geral, poderiam, eventualmente, reproduzir trechos do informativo oficial, a critério dos editores de radiojornalismo. Deixando de ser obrigatório, o programa terá de ser interessante e passará a ter real utilidade.”

### Referências bibliográficas

- CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- CABRAL, Sérgio. *No tempo de Ari Barroso*, Rio de Janeiro: Lumiar, 1993.
- ELEGÊ, Jota (pseudônimo de João Ferreira Gomes). *Figuras e coisas do carnaval carioca*, Rio de Janeiro, volume 2, 1979.
- FANUCCHI, Mário, Apostila do Curso “O Rádio e a TV nos Anos 50: Transição”, realizado na ECA-USP, 1º semestre de 1990.
- FERRAZ SAMPAIO, Mario. *História do Rádio no Brasil e no mundo. Memórias de um pioneiro*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984..
- GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- LOPES, Saint-Clair. *Comunicação – Radiofusão hoje*, Rio de Janeiro: Temário, 1970.
- MURCE, Renato. *Nos bastidores do rádio – fragmentos do rádio de ontem e de hoje*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- ORTRIWANO, Gisela S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, São Paulo: Summus, 1985.
- PIRES, Thyrso. Rádio Almanaque Paulistano, São Paulo, nº 01, janeiro de 1951.
- ROCHA, Vera Lucia e HERNANDES VILA, Nanci Valença. *Cronologia do rádio paulistano: anos 20 e 30*, São Paulo, CCSP/Divisão de Pesquisas, 1993, volume 1.
- SAROLDI, Luiz C. e Moreira, Sonia Virginia. *Rádio Nacional, o Brasil em Sintonia*, Rio de Janeiro: Funarte INM/DMP, 1984.



TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: do Gramofone ao Rádio e à TV*, São Paulo: Ática, 1981.

## REVISTAS

Revista Carioca, 1935 a 1937, Rio de Janeiro.

Revista da Semana, 1935 a 1946; 1951 e 1955; Rio de Janeiro.

Revista Fan Magazine, janeiro, fevereiro e março de 1938, Rio de Janeiro.

Revista Flama, 1923 a 1947, Santos, São Paulo.

Revista Fon Fon, 1932, 1935 a 1936.

Revista O Malho, 1934 a 1939, Rio de Janeiro.

Revista Propaganda, “Os anos do Rádio”, ano 27, nº 327, São Paulo, janeiro de 1983.

Revista Rádio Paulista, março de 1927 a dezembro de 1927, janeiro de 1928 a novembro de 1928, São Paulo.

Revista Radiolândia, 1954 a 1958, Rio de Janeiro.

Revista Rezenha Musical, setembro de 1938 até janeiro de 1941 Araraquara, São Paulo.

Revista Única, abril de 1926, Rio de Janeiro.

## JORNAIS

Jornal da Tarde, Suplemento Especial sobre o show “Elas por Ela”, São Paulo, 10.06.1989.

Jornal D.O. Leitura, São Paulo, 10 de abril de 1992.

Folha de São Paulo, 15 de dezembro de 1993.

## FONTES AUDIOVISUAIS

Rádio no Brasil – Série Comemorativa da BBC – Serviço Brasileiro.

Um conjunto de cinco discos que conta a história do rádio. 1989.

Rádio no Brasil – Direção no Brasil – Direção Geral de Ari Viseu. Duas fitas de vídeo que contam a história do Rádio e da TV no Brasil. Realização Tele-Tape TVE – Artplan Publicidade, Apoio Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro, 1992.